



INSPIRAÇÃO PARA A VIDA COTIDIANA – UM PREGADOR PERGUNTA: O QUE VOCÊS QUEREM DE UM SERMÃO?¹

Inspiration for daily life – a preacher asks: What do you want from a sermon?

David Lose²

Deixe-me iniciar com uma confissão: pela maior parte dos últimos cinco anos eu venho perdendo confiança na pregação. Para ser claro, este não é um comentário sobre a pregação que eu tenho ouvido, visto que eu tenho sido bastante afortunado por celebrar culto em diversas congregações com pregadores/as engajados/as. Ao contrário disso, eu tenho perdido confiança na pregação em geral, inclusive na minha própria.

Por quê? Primeiro, quando eu observo a cultura em geral, a forma e o aspecto de nossa pregação parecem cada vez mais fora de contato com a realidade. Em uma cultura que cada vez mais é participativa, nossa pregação é essencialmente ainda um monólogo. Em uma cultura apaixonada pela descoberta de sentido e pela formação de identidade, nossa pregação, muitas vezes, dá conclusões aos nossos ouvintes e às nossas ouvintes, ao invés de os/as convidar a entrarem nos questionamentos si mesmos/as.

Segundo, quando eu olho para as nossas congregações, eu observo muitas pessoas largamente desconectadas da pregação. Talvez, elas apreciam uma história que as toca, mas raramente tiram do sermão algo que irão continuar a pensar durante o resto da semana.

Por esta razão, eu tenho perguntado às pessoas o que elas querem de um sermão. Eu quero compartilhar a convergência e a divergência das opiniões que eu tenho ouvido.

No geral, a coisa que eu mais tenho ouvido das pessoas é o seu desejo de conseguir acompanhar o sermão e aplicá-lo em sua vida diária. Enquanto que a primeira metade desta esperança é essencialmente retórica – que o sermão esteja bem organizado e claro – a segunda metade lida mais com a orientação ou o impulso ou direcionamento do sermão.

Procurando por sentido

Em uma enquete que eu conduzi, como parte do projeto de pesquisa do *Lilly Endowment Fund* sobre vitalidade congregacional, a primeira coisa que as pessoas querem é que o sermão as ajude a entender como a passagem bíblica informa suas vidas cotidianas.

¹ Tradução Éder Beling. Revisão da tradução: Marie A. W. Krahn.

² Reprint information was granted by *Living Lutheran* magazine for this article as it first appeared in the April/2015 issue of *The Lutheran*.

A reimpressão dessas informações foi permitida pela revista *Living Lutheran* para este artigo, como ela primeiramente apareceu em abril/2015 na publicação *The Lutheran*.

O texto foi originalmente publicado em: LOSE, David. *Inspiration for daily life – a preacher asks: What do you want from a sermon?* *The Lutheran*, Minneapolis, April, p. 12-13, 2015.

Assim, enquanto o pano de fundo dos textos bíblicos pode ser útil para entender a passagem bíblica, para a maioria das pessoas ouvintes o sermão torna-se vivo quando a história de 2000 anos as ajuda a pensar mais profunda e fielmente sobre os seus desafios, suas perguntas e suas lutas do século 21.

Dois outros pontos de convergência são dignos de nota. Primeiramente, pessoas querem ouvir o evangelho do amor de Deus para elas e para o mundo. Elas querem ser lembradas sobre a graça de Deus e sobre o perdão, para poderem encarar as oportunidades e as lutas à frente.

Segundo, a maioria das pessoas ouvintes quer ser desafiada – a pensar diferente, sim, mas também a viver diferente. Elas querem cada vez mais receber ajuda para estruturar as perguntas que elas têm, e receber ferramentas para responder àquelas perguntas, ao invés de terem suas perguntas respondidas. Em suma, elas querem ser participantes na conexão entre fé e vida, ao invés de serem somente espectadoras.

Aqui é onde a divergência começa. Em geral, muitas pessoas ainda preferem estar engajadas através daquilo que chamamos “meios passivos” – isto é, quando o pregador ou a pregadora assume a responsabilidade primária de engajar as pessoas ouvintes. Primordial entre tais solicitações é que os/as pregadores/as empregam mais histórias que conectam a passagem bíblica com a vida diária. Histórias, **como muitas tem observado**, são a moeda comum com as quais nós produzimos sentido e compartilhamos nossas vidas. Pregadores/as podem nos ajudar a relacionar Escritura à vida diária ao oferecerem-nos histórias que iluminem tais conexões.

Outra esperança comum é que pregadores/as identifiquem uma única percepção, pergunta ou desafio com o qual eles ou elas possam enviar ouvintes para sua vida semanal, e quem sabe, até mesmo as convidar a responder, a partir de sua compreensão, por e-mail ou mídias sociais.

Interessantemente, uma pequena, no entanto, distinta minoria de pessoas menciona seu desejo por mais engajamento “ativo” e quer compartilhar o conteúdo do sermão, tanto na produção como no recebimento.

Há espaço para participação ativa e discussão antes, durante ou após o sermão?

Devem os sermões ser monólogos?

Podem os/as pregadores/as transferir maior responsabilidade ao conectarem o sermão à vida cotidiana, criando espaço para as pessoas ouvintes, movendo-as do papel de audiência para participante?

Estes são os questionamentos que este crescente quadro de pessoas têm feito.

Em minha carreira, como teólogo e professor de pregadores/as, eu tenho tentado descrever a tendência desta forma: eu fui ensinado no seminário que o propósito principal da pregação era *criar fé*, e eu ainda valorizo altamente este aspecto. Mas, eu não fui ensinado que pregar também tem o potencial de nos ajudar *a ver Deus* e, tendo visto Deus, participar no trabalho contínuo do amar e do abençoar de Deus a este mundo.

Quando focamos na primeira função da pregação – criar fé – nós tendemos em nos centrar no *passado* e *presente* de uma passagem bíblica, perguntando o que ela significou para a público originário e o que talvez signifique para nós hoje. Quando acrescentamos este segundo propósito – nos ajudar a ver Deus – nós começamos a nos focar no *futuro* da passagem, nos

perguntando onde começamos a vê-la se tornar realidade em nossas vidas e nos convidando a imaginar como poderíamos vivenciar esta história bíblica.

Em uma cultura que há muito já não pressupõe a participação congregacional, muito menos a encoraja, e para uma geração que tem inúmeras fontes das quais poderiam criar sua identidade, pregadores/as têm cada vez mais responsabilidade, não somente pela *proclamação*, mas também pela *formação*. Pregadores e pregadoras devem oferecer ferramentas pelas quais nós possamos imaginar como esta história bíblica poderia ser nossa, e guiar-nos em direção ao futuro moldado e animado pela presença e graça do Deus vivo.

Um desafio enorme, com certeza, mas um que eu acredito ainda ser abençoado pelo Espírito.